

# “Metronormatividades<sup>1</sup>” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil

## Native metronormativities: homosexual migrations and urban spaces in Brazil

Marcelo Augusto de Almeida Teixeira<sup>a</sup>

### Resumo

Tradicionalmente, os estudos migratórios partiriam de pressupostos de que os migrantes seriam uma massa de sujeitos heterossexuais e sem gênero, que migrariam apenas por questões econômicas, equiparando migrantes a trabalhadores. Durante o século XX, a metrópole seria identificada como o *habitat* por excelência do homossexual, nos Estados Unidos e no Brasil: a migração para a metrópole seria para homossexuais uma obrigação e emancipação. Entretanto, durante os anos 2000, percebe-se uma interiorização de manifestações de sociabilidades homossexuais para além das grandes metrópoles brasileiras. Além disso, chamaria atenção à proporção de casais do mesmo sexo em pequenas cidades brasileiras. A supervalorização do ambiente urbano na formação identitária homossexual seria avaliada criticamente sob o conceito “*metronormatividade*”: o urbano como referência absoluta para uma suposta vida de liberdade e satisfação sexual.

**Palavras-chave:** migração; homossexualidade; metronormatividade; espaços urbanos.

### Abstract

Traditionally, migration studies assume that migrants would be a mass of genderless and heterosexual subjects, who migrate only for economic reasons, equating migrants to workers. During the twentieth century, the metropolis would be identified as the quintessential gay habitat, in the United States and in Brazil: migrating to the metropolis would be an obligation and emancipation for homosexuals. However, during the 2000s, we find an interiorization of homosexual sociability expressions beyond Brazilian big cities. Also, the proportion of same-sex couples in small cities calls attention. The overvaluation of the urban environment in homosexual identity formation can be critically evaluated under the concept “*metronormativity*”: the urban as an absolute reference to a supposed life of freedom and sexual satisfaction.

**Keywords:** migration; homosexuality; metronormativity; urban spaces.

<sup>1</sup> O termo “metronormatividade” teria sido cunhado pela teórica queer Judith Halberstam. Ver HALBERSTAM, Judith. In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives. Nova York: New York University Press, 2005. P 22-23

<sup>a</sup> Arquiteto com graduação e mestrado em Teoria e História da Arte e do Ambiente Construído pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília - UnB. Doutorando em Sociologia pelo Departamento de Sociologia - PPG-SOL da Universidade de Brasília - UnB. Professor de arquitetura no Centro Universitário do Distrito Federal - UDF. Membro do “Urbanidades e estilos de vida” do Departamento de Antropologia e “Multitudes: gênero, sexualidade e corporeidade” da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília - UnB, Brasília, DF, Brasil. Contato: arquitetoinquieta@gmail.com

San Francisco is a refugee camp for homosexuals. We fled here from every part of nation, like refugees everywhere; we came not because it is so great here, but because it is so bad there (WITMAN, 1969, p.3).

Início este artigo com três narrativas que, a meu ver, exemplificam o movimento migratório de homossexuais masculinos no Brasil: “Xaxu”, “Eduarda” (nomes “sociais”) e Antônio. Em comum, movimento desde cidades pequenas até cidades globais, em busca de afeto, tolerância, emprego, mudanças corporais. Começo com Xaxu: caboclo, pobre, iletrado, nascido no semiárido piauiense, partiu de uma pequena cidade após uma surra do pai por ser afeminado demais, indo procurar trabalho em Teresina (com população estimada de 840 mil habitantes em 2014<sup>2</sup>). Na capital do Piauí, começou a trabalhar como jardineiro, devido a sua experiência com roçados, sendo empregado por uma família de classe alta, na qual teve contato com o filho desta família, também homossexual, e com seu círculo de amizades composto de gays ricos e cosmopolitas. Quando ouviu falar dos circuitos gays da Europa decidiu que moraria em Milão. Começou a trabalhar para outras famílias ricas de Teresina, indicado pela sua primeira patroa, juntando dinheiro até conseguir comprar passagens para a Itália. Em Milão, adotou o nome de Xaxu, pintou o cabelo de loiro, tomou hormônios femininos e começou a prostituir-se. Com a renda da prostituição, construiu casas para a família no interior piauiense e alugou um duplex em um bairro sofisticado milanês, tendo acesso a salões e boutiques elitistas. Após ser abandonada por um namorado, tentou suicídio pulando de seu duplex.

Eduarda foi batizada de Eduardo quando nasceu em Valparaíso de Goiás, cidade da chamada “Região do Entorno”, o cinturão de pobreza urbana ao redor do Distrito Federal. Branca, alta e filha de mãe solteira, quando adolescente foi expulsa de casa pelo então padrasto quando começou a vestir roupas femininas e a tomar hormônios. Após a sua expulsão, começou a prostituir-se, ora na Rodovia BR-040 (que liga Brasília a Belo Horizonte e passa pela cidade onde nasceu), ora na cidade-satélite brasiliense do Gama. Em entrevista, Eduarda afirmou:

*Decidi que eu ia morar no Plano Piloto e que ia colocar peito. Não queria ser dessas penosas que fazem ponto lá perto dos motéis ou debaixo do viaduto da BR-040. Aluguei uma kitnete por R\$ 600,00 na Asa Norte e fiz programa dia e noite, anunciei no Correio Braziliense, paguei site de programa, fui para a rua bater porta (N.A: entrar em carros de clientes) no Setor Comercial Sul. Mas Brasília ia ser só uma ponte. Assim que eu colocasse os peitos, eu iria mesmo era arrumar um ponto em São Paulo, e de lá, quem sabe, uma cafetina para me levar a Europa. Quero ser europeia, mas tenho medo das mafiosas, tenho que ir bem arrumada (N.A: legalizada), não sou dessas de ficar escondida em armário pra fugir dos alibãs (N.A: polícia). Depois, eu voltaria para Brasília, agora toda siliconada, aí sim eu ia trabalhar bem aqui<sup>3</sup>.*

Conforme seus planos, Eduarda foi para São Paulo, onde começou, além da prostituição, a participar de filmes pornográficos com travestis, adotando outro nome artístico. Na capital paulista, com o dinheiro da prostituição, fez cirurgias plásticas faciais feminilizantes. Não migrou para a Europa, mas voltou para Brasília, onde hoje mora em um apartamento na Asa Norte de Brasília, bairro de classe média alta, no qual também continua a trabalhar com programas sexuais.

Já nossa terceira narrativa exemplifica o que Arango indica ser uma “rede de migração” (relações interpessoais que favorecem a migração) e a migração como forma de “capital social” (ARANGO, 2000, p 41 e 42). Antônio, branco, musculoso, filho de uma família classe média

<sup>2</sup> Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=2211001>> Acessado em maio de 2015.

<sup>3</sup> Depoimento fornecido ao autor em fevereiro de 2015.



alta brasiliense e mineira, decidiu migrar para São Paulo seguindo amigos brasilienses que para lá foram, e depois partiu para Barcelona. Decidiu migrar para a Europa porque, segundo suas palavras:

*São Paulo estava careta demais. Gosto da pegação, da promiscuidade que Barcelona oferece, das lojas, dos museus, da vida artística. Além disso, designers são mais valorizados na Espanha do que no Brasil e lá eu não fico sem dinheiro nem trabalho. E nem fico sem homem, pois tem para todo o gosto. Sem contar as leis, já que a Espanha tá muito melhor do que o Brasil e ainda moro num bairro totalmente gay, algo que não rola aqui. Lá já tenho um círculo de amizades, fui porque conhecia brasileiros que já estavam lá e poderia trabalhar com eles. Ser gay na Europa é muito melhor do que em São Paulo<sup>4</sup>.*

As três narrativas acima problematizariam percepções sobre a migração, inserindo um fator por vezes subestimado nas pesquisas migratórias: a sexualidade. Tradicionalmente, os estudos migratórios partem de pressupostos heterossexistas e genéricos: os migrantes são tratados como uma massa universal de sujeitos heterossexualizados e sem distinções de gênero, que migram apenas por questões econômicas. Por esta perspectiva, a sexualidade não só não motiva a migração como não seria afetada por esta. Ou, conforme Joaquin Arango (2000), migrantes e trabalhadores são equiparados e tratados como se estes e as sociedades fossem homogêneas, sendo a migração apenas resultado de decisões individuais feitas por atores racionais visando benefícios econômicos (ARANGO, 2000, p 35-37). Entretanto, com abordagens proporcionadas pelos estudos feministas, *queers* e pós-coloniais, a migração torna-se mais complexa e questões sexuais passam para a linha de frente (SHEPARD, 2012, p, 30-37): ser mulher, transgênero ou homossexual imbrica-se em ser migrante para além das necessidades econômicas. Desta forma, a subjetividade sexual converte-se em mola propulsora do ato de migrar sendo reconfigurada durante a trajetória do indivíduo de maneira contínua. Não só a sexualidade em um nível individual, mas cidadão: ao mover-se de uma cidade para outra, indivíduos e comunidades sexuais são conformadas e inseridas no contexto urbano de diversas maneiras. Neste processo de conformação e inserção, não apenas sexualidade e gênero, mas também outras categorias identitárias e classificatórias estariam envolvidas: classe, raça, religião, etnia, ideologia. Assim, a migração proporciona diversas (às vezes concorrentes e também coincidentes) perspectivas para entender por que indivíduos deixam suas cidades em direção a outras, em movimentos de múltiplos resultados.

Em 1979, o grupo “*Village People*”, composto por homossexuais, cantava em um tom ao mesmo tempo imperativo e esperançoso, “*Vá para o Oeste, a vida é tranqüila lá*”, refrão um dos hinos gays norte-americanos: “*Go West*”. A mensagem da música era clara para quem entendia os códigos do grupo: partir para São Francisco, lugar de possível liberdade, felicidade, de encontro consigo e com outros iguais. A música seria, dessa forma, a trilha sonora para uma consciente migração homossexual que ocorreria desde o começo do século XX (SIDES, 2009), tornando São Francisco capital icônica da comunidade gay norte-americana<sup>6</sup> e um caso exemplar para se entender as migrações além do fetichismo econômico: a necessidade de liberdade sexual seria uma das molas propulsoras de correntes migratórias em direção às grandes cidades, especialmente para quem desejaria corpos do mesmo sexo. A cidade grande seria, para pessoas homoafetivas, destino inevitável de suas trajetórias e narrativas de vida:

<sup>4</sup> Depoimento fornecido ao autor em dezembro de 2014.

<sup>5</sup> No original: “Go West, life is peaceful there”.

<sup>6</sup> Sobre a formação da comunidade homossexual em São Francisco, ver SIDES, Josh. *Erotic city: sexual revolutions and the making of modern San Francisco*. Nova York, Oxford University Press, 2009.



a migração para a metrópole seria ao mesmo tempo impositiva e uma forma de emancipação (FORTIER, 2003, p.2).

Antes de prosseguirmos, um alerta: mesmo consciente das diferenças históricas, culturais e sociais do desejo pelo mesmo sexo entre a Idade Média e a Contemporaneidade, utilizo a palavra “homossexual”, cunhada em 1865 pelo médico húngaro Karl Maria Kertbeny, para designar os corpos do “amor que não ousa dizer o nome” (sejam homens, mulheres ou transexuais) e também consciente da diversidade do amor entre iguais em nossa época e espaço. Serei reducionista propositadamente. Este artigo está dividido em três partes: Na primeira, esboçarei um breve panorama das migrações homossexuais desde a Idade Média até as capitais gays globais, a partir de estudos de geógrafos, historiadores, sociólogos e teóricos oriundos da Teoria Queer e dos estudos gays e lésbicos de matriz anglo-saxônica. Desde a Idade Média, a migração homossexual já seria notada, sendo intensificada com a urbanização e avanços do capitalismo nas metrópoles industriais, fatores chaves na conformação da moderna identidade “homossexual”: foi nas grandes cidades industrializadas que os primeiros enclaves residenciais e direitos civis foram materializados<sup>7</sup> (KENNEY, 1998). Com a globalização e o esfumaçamento das fronteiras metropolitanas e nacionais, a migração homossexual passaria a patamares distintos, sendo capaz de alterar subjetividades e políticas sexuais em nível transnacional, possibilitando a formação de zonas de contatos etnosexuais e o surgimento de novas personalidades jurídicas como o “exilado sexual”.

Na segunda parte, discuto as possíveis implicações das migrações homossexuais no Brasil, nas suas hierarquias metropolitanas e de corpos, fundamentando-me em antropólogos e historiadores como Nestor Perlongher (1987), James N. Green (1999) e Richard Parker (1999). Ao introduzir o conceito de “*metronormatividade*”, cunhado pela teórica queer Judith Halberstam (2005), e apresentando exemplos de sociabilidades homossexuais em pequenas e médias cidades brasileiras, questiono a prevalência das metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo enquanto únicas referências de destino de migração homossexual. Encerro esta parte inserindo na discussão as possíveis reconfigurações das sociabilidades homossexuais em pequenas cidades proporcionadas pela emergência de aplicativos de geolocalização gays (como o “*Grindr*”), que desestabilizaria fronteiras entre o urbano e o rural, além de desterritorializar as possibilidades de parcerias afetivo-sexuais.

Na terceira parte, aprofundo o conceito de metronormatividade, conforme exposto por Scott Hering (2010), complementando-o com as contribuições à Teoria dos Campos Sexuais (TCS) feitas por Farrer & Dale (2014). Aqui, apresento indicações de que as pequenas e médias cidades estariam tornando-se possíveis destinos de migração e sociabilidade homossexual. Por fim, concluo que o deslocamento seria atávico aos homossexuais e que a instabilidade espacial das trajetórias de vida conteriam potencialidades criativas e de surpresas, sendo a sexualidade uma constante construção sobre a qual atuam espaço, história e sociedade.

## **Das cidades sodomitas as capitais gays globalizadas**

Núcleos urbanos e homossexualidades estariam, desde o mito de Sodoma, atavicamente conectadas para o Ocidente cristão, chegando a compartilhar o mesmo adjetivo: “sodomita” (ABRAHAM, 2009, p, XIII). Durante a Idade Média, diversas cidades, como Florença, Veneza, Paris, Chartres e Orleans, eram acusadas de serem centros sodomitas notórios com visíveis subculturas e cartografias próprias (RICHARDS, 1993, p, 141), atraindo “refugiados sexuais” de feudos europeus mais intolerantes. A sodomia foi descriminalizada na França em 1791,

<sup>7</sup> Sobre a questão, ver KENNEY, Moira Rachel. Remember, Stonewall was a riot. In. SANDERCOCK, Leonie (Ed.). Making the invisible visible. Berkeley: University of California Press. p. 120-132

iniciando a inserção imaginária em nível mundial da capital francesa como uma cidade de vício e perdição, atraindo boêmios e sodomitas do mundo todo: as possibilidades de prazer do corpo estavam, em conjunto com as oportunidades econômicas que Paris proporcionava, implicadas em maneiras difíceis de precisar. Porém, apenas com a Revolução Industrial em conjunto com o avanço das transformações capitalistas do espaço urbano e as migrações em massa, que as cidades passaram a ser não só condensadoras como produtoras de uma subjetividade genérica que, a partir de 1869, seria construída socialmente e historicamente como “*homossexual*” (ALDRICH, 2005, p, 167).

Para o historiador John D’Emilio (1983), a partir da Revolução Industrial, migração, capitalismo e urbanização estariam intrinsecamente relacionados com a construção da identidade homossexual: homens e mulheres migrariam do campo \_onde estavam inseridos em comunidades cuja vigilância sobre seus corpos era maior\_ para as cidades crescentes, nas quais, por meio do trabalho remunerado, teriam maior independência e controle sobre seus próprios corpos, libertando-se, dessa maneira, dos laços econômicos familiares comuns aos grupos comunitários rurais<sup>8</sup>. Nas cidades, as pessoas que desejavam outras do mesmo sexo não teriam dificuldades para a realização dos desejos, pelo contrário: anonimato, mobilidade, oferta de corpos, indiferença, espaços que “*concentriam a cidade*” \_como banheiros e parques públicos, casas de banho, estações de trem, galerias de teatros (BECH, 1997, p, 159) \_ com toda sua fluidez de corpos diferentes, estranheza, indiferença mútua, anonimato, perigo e vigilância. Tudo isso facilitaria o contato sexual.

A cidade, mesmo com o anonimato oferecido pelas massas urbanas, contraditoriamente pavimentaria o caminho para a formação identitária “*homossexual*” e “*lésbica*”, porque no urbano os corpos identificados (ou estigmatizados) com essas subjetividades se tornaram *legíveis*, para si e para os outros, reconhecendo-se, agrupando-se ou repelindo-se. Ou seja: a migração trouxe a oportunidade e/ou a necessidade de corpos se libertarem da vigilância do meio rural; o capitalismo forneceu os meios necessários para estes corpos se libertarem da dependência econômica familiar, dando-lhes certa *autoridade* sobre seus próprios corpos; a urbanização produziu espaços que por sua vez forneceram oportunidades de encontros sexuais e reconhecimento, além de proporcionar o anonimato que não só protegia como tornava legível a preferência sexual.

Durante o século XX, a metrópole passaria a ser identificada como o *habitat* por excelência das sexualidades não normativas, a ponto de se tornar sinônimo de homossexualidade e perigo para as famílias no século XX: grandes cidades norte-americanas eram apontadas como antros de perdição, fomentando a suburbanização da América (ABRAHAM, 2009, p. 169-181); na Europa, a Berlim de Weimar, segundo Mel Gordon (2006), teria sido uma experiência urbano-sexual tão poderosa que atrairia acusações de decadência por parte do regime Nazista, culminando com a morte de milhares de homossexuais nos campos de concentração, conforme relata o documentário “Parágrafo 175” (EPSTEIN, FRIEDMAN, 2000<sup>9</sup>). Por meio de relatos de homossexuais sobreviventes da perseguição nazista e de imagens históricas, o documentário reconstrói o imaginário erótico e as topografias sexuais berlinenses. Conforme o sobrevivente Heinz F: “*Hoje em dia é difícil imaginar o quão selvagem que foi Berlim depois da I Guerra Mundial. Tudo era uma desordem. Os homens dançavam juntos e as mulheres também*”. A experiência alemã aponta que seria nas grandes cidades que a consciência política e dos desejos homoeróticos caminham juntas na formação de uma subcultura e de uma comunidade autopercebida como homossexual: teria sido em Berlim, entre 1896 e 1922, que um pioneiro

<sup>8</sup> O artigo influente, para a Teoria Queer, de John D’Emilio foi publicado originalmente em 1983. Cito o artigo reproduzido em. ABELOVE, Guy (Ed.). *The Lesbian and Gay studies reader*. Nova York: Routledge, 1993. P. 467-476

<sup>9</sup> Parágrafo 175 (Paragraph 175). Direção: EPSTEIN, Rob; FRIEDMAN, Jeffrey. EUA/Alemanha/Inglaterra, 2000. 81 minutos.

ativismo político homossexual surgiu, com as primeiras publicações (“Der Eigene”), enclaves residenciais (Nollendorfplatz), grupos organizados e manifestações pró-direitos civis, como o encabeçado pelo médico Magnus Hirschfeld (que lutava pela revogação do Parágrafo 175 do Código Penal alemão de 1871). Ainda, seria nas cidades onde homossexuais foram exitosos na formação de enclaves urbanos (como os guetos gays anglo-saxões) com certa homogeneização residencial, negócios próprios e orientados e políticas locais que direitos civis pioneiros foram alcançados (KENNEY, 1998). Ao conformar territorialidades e reconhecimentos legais, estas cidades reforçariam rotas migratórias, ampliadas com os recentes avanços da globalização.

As sexualidades não ficariam imunes aos efeitos da intensificação do fluxo de corpos, imagens e discursos para além das fronteiras nacionais com o avanço da globalização: a migração para as grandes cidades globais produziram tensionamentos e hibridizações que perturbariam identidades e coletividades, em uma assemblagem de atores, espaços, narrativas de vida e imaginários. Para o geógrafo Jon Binnie (2004), a migração teria posição destacada nas narrativas homossexuais, representando uma maneira na qual espaço e local convergem para a formação de culturas, comunidades e identidades sexuais. Segundo Binnie, para produzir sua identidade e possivelmente sobreviver enquanto indivíduo, um homossexual *necessitaria* migrar para uma grande cidade, tornando-se impossível, neste movimento, separar o econômico do social e do sexual (2004, p.89). Na conformação de uma identidade homossexual, não só a migração *para* a cidade seria importante, mas também dentro *da* cidade: os subúrbios, dentro do contexto norte-americano, seriam identificados como não atraentes aos homossexuais pela prevalência de um estilo de vida baseado em residências unifamiliares heterossexuais, sendo os centros de cidades considerados mais diversos, cosmopolitas e tolerantes (HUBBARD, 2012, p.82).

Ainda, os migrantes que assumem suas sexualidades em cidades globais como Nova York, São Francisco, Paris, Sydney ou Londres, desenvolveriam um senso de lealdade em relação a estes núcleos urbanos (BINNIE, 2004, p.122) reproduzindo a permanência destas cidades no imaginário gay global como espaço de tolerância e emancipação, como local seguro para aqueles sujeitos às diversas formas de constrangimento homofóbico em suas cidades e/ou países de origem. Nesta mistura de imaginários e movimentos migratórios, a globalização, os nacionalismos e as sexualidades são problematizados: a formação de expatriados sexuais ao mesmo tempo em que cristalizariam noções de uma possível “*cidadania sexual global*” (BINNIE, 2004, p.2) também conflita com localidades acerca de sexualidades e identidades de gênero, impactando nas intersecções entre raças e nacionalidades e nas políticas sexuais de países. A migração por motivos de orientação sexual não seria inócua: teria refeito os contornos do que seria uma modernidade homossexual em nível global (MANALANSAN IV, 2002). Desta forma, o impacto da globalização e dos movimentos migratórios homossexuais teriam repercussões na formação identitária, cultural e material, além de política, em múltiplos níveis: do corpo ao Estado-nação até espaços transnacionais e geopolíticos.

As políticas sexuais de alguns países, ao lado do posicionamento de cidades no imaginário gay global, também servem como propulsoras de movimentos migratórios: de atração, caso haja leis tolerantes, e de expulsão, no caso de leis opressivas. Conforme Arango (2000), hoje os fatores políticos são mais influentes do que econômicos, sendo os desequilíbrios comparativos entre direitos reconhecidos nacionais um dos propulsores de correntes migratórias (ARANGO, 2000, p 37). Por exemplo, países com legislação discriminatória no Oriente Médio fornecem contingentes migratórios para Israel, onde uma série de direitos civis foi alcançada pela comunidade lésbica, gay, bissexual e transexual israelita, como reconhecimento de uniões entre o mesmo sexo e cirurgias de redesignação sexual legalizadas. Em Istambul, na Turquia, grande parte dos 5000 transexuais que viviam na cidade em 2010 veio do interior do país<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Sobre a migração transexual para Istambul ver : <<http://www.eurasianet.org/node/62443>>. Acessado em maio de 2015.



Na África, a tolerante legislação sul-africana incentiva a migração de contingentes homossexuais de países vizinhos mais hostis, tornando a Cidade do Cabo uma das cidades gays globais (MACKAY, 2012). A hostilidade de alguns contextos nacionais à homossexualidade criaria a figura do “exilado sexual” ou “*sexilio*” (GUZMÁN, 1997, *apud* MARTINEZ-SAN MIGUEL, 2011): aqueles indivíduos que, para sobreviver, têm que deixar seus locais de origem, ao sentirem-se perseguidos por suas identidades sexuais e por seus corpos.

Em países que reconhecem a orientação sexual como base para asilo político, como Alemanha, Austrália, Áustria, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Nova Zelândia e Suécia (RANDAZZO, 2005, p.35), a figura jurídica do “exilado sexual” tem limites imprecisos com o migrante. Além da possibilidade de exílio, o reconhecimento da união de casais do mesmo sexo no ordenamento legal de países como África do Sul, Israel, Espanha, Portugal, Argentina, Canadá e de diversos estados norte-americanos influenciaria nas decisões migratórias de casais homossexuais e na formação de casais binacionais<sup>11</sup>. Já nos países com facilidades legais para redesignação sexual e de gênero, como França, Argentina e Israel, fluxos de transexuais em direção às suas capitais são conformados. Assim, cidades e países específicos tornam-se pontos de encontro de dissidências sexuais, de corpos em transição, de diferentes interseções entre gênero, raça, nacionalidade e orientações sexuais, em múltiplas estratégias de sobrevivência e hibridização.

Dentre estas estratégias de sobrevivência no estrangeiro, permanecer um indivíduo desejável por outros corpos é crucial nas “*zonas de contatos etnosexuais*”, conformadas nas encruzilhadas transnacionais proporcionadas pelas grandes metrópoles globalizadas (FARRER; DALE, 2014). Fundamentando-se na Teoria dos Campos Sexuais (TCS) – por sua vez derivada dos campos de Pierre Bourdieu – Farrer & Dale sugerem que com a globalização dos campos sexuais emergem os campos sexuais inter-raciais, nos quais os corpos migrantes são posicionados de acordo com hierarquias de desejo conformadas por discursos acerca de raça, etnia, gênero, sexualidade e nacionalidade. Os campos sexuais são similares aos bourdieusianos: espaços relativamente autônomos nos quais desejos eróticos individuais são construídos coletivamente por meio de lógicas próprias de julgamento e estratificação (as “*estruturas de desejo*”) que posicionam os indivíduos participantes do campo de acordo com a aquisição (ou falta de) específicos atributos (o “*capital sexual*”). Em processos de socialização de desejos, as pessoas então desenvolveriam distintos “*habitus eróticos*”, que seriam predisposições existentes que as guariam em direção a específicas parcerias e/ou subculturas sexuais. Estes *habitus*, ao serem socializados, conformariam e também seriam conformadas pelas estruturas de desejo (GREEN, 2014, p.25-56). Assim, ao adentrar em outro país, o migrante se depararia com novos *habitus* eróticos, sendo as zonas de contato etnosexual uma arena de negociações com a qual este deve aprender a lidar.

Nestas zonas de contato etnosexual, os migrantes lidam com estruturas de desejo, capitais sexuais e *habitus* eróticos distintos aos de seus locais de origem, os levando a diferentes percepções de seus posicionamentos dentro do campo e estratégias. Para Farrer & Dale, o deslocamento para campos sexuais inter-raciais teria os seguintes efeitos sobre os migrantes: “marginalização sexual” (sentimento de falta de oportunidades sexuais); “dessexualização” (sentir-se não atraentes, repercutindo na autoestima) e a “desorientação” (conflitos com convenções morais nativas e/ou locais). Estes efeitos levariam às seguintes estratégias de sobrevivência pelos migrantes: “resignação” (aceitar a posição marginal dentro do campo); “resistência” (lutar por alternativas); “mobilidade geográfica” (mudar-se para outra cidade); “fluidez de gênero” (gender fluidity), comportar-se em maneiras entendidas como adequadas pelos locais ou diferentes de percepção de gênero do migrante e, por fim, a “adaptabilidade

<sup>11</sup> Segundo a organização não governamental “*Immigration Equality*”, focada nas migrações homossexuais, seriam pelo menos 36 mil casais binacionais do mesmo sexo nos Estados Unidos. Disponível em <<http://immigrationequality.org/>>. Acessado em março de 2014.



racial”: perseguir comportamentos valorizados pelos nativos ou conformar-se a estereótipos raciais locais (FARRER; DALE, 2014). Deste conjunto de estratégias e percepções emerge um questionamento: as sexualidades não seriam inatas, atemporais, imutáveis e fixas em pontos no espaço. No caso dos migrantes sexuais, torna-se necessário considerar os deslocamentos para diferentes campos sexuais inter-raciais e seus posicionamentos dentro das zonas de contato etnosexuais na sedimentação de suas subjetividades. Assim, processos de “re” e “des” territorialização tornam-se fatores importantes na discussão da sexualidade.

## **Migrações homossexuais brasileiras**

No Brasil, a migração para as grandes cidades também seria importante na formação de uma comunidade autorreconhecida como homossexual e na formação de distintos campos sexuais homossexuais em nossas metrópoles. Para Richard Parker a formação de subculturas homossexuais emergentes em praticamente todas as metrópoles nacionais indica que a orientação sexual estaria implicada nos movimentos migratórios em diversos níveis e sobre os quais agem forças variadas, entre econômicas e midiáticas (PARKER, 1999, p. 180-221). Parker aponta para alguns estágios e padrões migratórios: a migração do rural para o urbano, da cidade pequena para o centro regional (Brasília, Fortaleza, Belém, etc.), deste para as metrópoles nacionais (Rio e São Paulo) e destas para as globais (Barcelona, Miami, Londres, Milão), tendo como fio condutor a procura por ambientes sexualmente mais arejados e de possibilidades. Ainda, especifica pequenas “migrações” entre cidades com o objetivo de contatos sexuais esporádicos (em um movimento de separação entre a subjetividade sexual e a localidade geográfica) e outras que têm como guia desejos eróticos por específicos tipos físicos (o negro baiano, o caboclo nordestino, o louro catarinense). Parker aponta também para alguns fatores que facilitariam a migração: a existência de um circuito subcultural gay na cidade (boates, bares, grupos, saunas, etc.), facilitando a entrada de um indivíduo na comunidade e estabelecimento de laços afetivos e filiais; existência de amigos e/ou parentes também homossexuais (que servem como âncora e porta para grupos) e possibilidades de emprego e, por fim, a estabilidade financeira (que mesmo frustrada, seria minimizada pela liberdade sexual da metrópole). Assim, Parker conclui que a migração motivada pela necessidade de vivenciar-se como homossexual seria elementar tanto nas sedimentações subjetivas do indivíduo quanto na conformação de subculturas gays metropolitanas e mesmo nacionais.

A migração também foi apontada por outros pesquisadores, como James N.Green (1999) e Nestor Perlongher (1987), como importante na formação de subjetividades e estereótipos homossexuais no Brasil. Para Green, uma consciente migração homossexual para o Rio de Janeiro já acontecia no final do século XIX e teria sido fundamental na emergência de Copacabana como o primeiro bairro do país com uma visível, assumida e autorreconhecida comunidade “gay” durante os anos 50 do século XX, contribuindo para a inserção da então capital brasileira no imaginário nacional como cidade permissiva. Para Perlongher, a migração homossexual para São Paulo conformou territórios, estereótipos e comércios sexuais, em intersecção com classe e raça: prostitutas oriundas do Sul do Brasil, loiros e brancos, eram mais valorizados do que os do Nordeste (que enviava seus homossexuais do Sertão intolerante para a capital paulista). Além disso, Perlongher indica que a existência de uma infraestrutura urbana homossexual organizada na capital paulista (com uma rede de cinemas, parques e banheiros públicos, saunas, ruas e bares apropriados por homossexuais) era um ímã para novos migrantes em busca de liberdade sexual de todo o Brasil. Para Simões e Fachinni (2008), fundamentando-se em James N. Green, a migração para o Rio e São Paulo foi também basilar na fundação dos primeiros grupos organizados em prol dos direitos civis que conformaram posteriormente o embrionário movimento político homossexual brasileiro.



Porém, a supervalorização do ambiente urbano na formação identitária homossexual tem sido avaliado criticamente, especialmente nas academias anglo-saxãs \_com histórica tradição de enclaves urbanos homossexuais\_ no início do século XXI. As críticas foram orientadas sob o conceito “*metronormatividade*” (HALBERSTAM, 2005, p.22-23): o pressuposto socialmente construído (especialmente no mundo anglo-saxão) de que o espaço rural seria heterossexual e que o urbano seria artificial e homossexual (HOGAN, 2010, p.243), fossilizando o urbano como referência absoluta para uma suposta vida de liberdade e satisfação sexual que, em tese, só a metrópole poderia garantir em contraposição aos ambientes rurais, tidos como opressores, homofóbicos e incapazes de fornecer vida cultural, afetiva e sexual significativa. A metrópole seria desta forma, destino *inevitável* para gays rurais: a migração orientada sexualmente torna-se impositiva. Assim, sobre uma dicotomia geográfica (rural/urbano) se constrói um elemento determinante da formação identitária homossexual.

A mesma dicotomia urbano/rural está presente na formação identitária dos homossexuais no Brasil, afetando os movimentos migratórios nacionais, conforme indicado por Richard Parker: a cidade é construída no imaginário gay brasileiro como lócus de modernidade, movimento, liberdade sexual, aceitação, oferta de corpos e de produtos da moda. Isto em contraposição com o rural: considerado parado, atrasado, opressivo, tedioso. Essa construção seria uma bricolagem constituída de diversos fragmentos (PARKER, 1999, p.185): a carta de um amigo, a revista gay de circulação nacional, o guia gay da Internet, a novela da Rede Globo, etc. Assim, é possível afirmar que o Brasil teria sua própria metronormatividade, com consequências similares às observadas no mundo anglo-saxão: as metrópoles nacionais, especialmente Rio e São Paulo, são fossilizadas como única alternativa para o gay oriundo do meio rural e de cidades pequenas e médias de todo o Brasil enquanto exclusiva referência de sociabilidade homossexual possível no país. A prevalência de Rio e São Paulo, como destino impositivo e referência absoluta de um estilo de vida gay moderno, teriam consequências homogeneizantes sobre as subculturas gays locais, de Porto Alegre a Belém.

Para Perlongher, os variados tipos de contatos sexuais entre o mesmo sexo no Brasil, não deveriam ser entendidos como “*simples traduções dos homossexuais, heterossexuais e bissexuais que povoam as terras anglo-saxônicas*” (1987, p.40). Para o antropólogo argentino, o desejo e a prática homoerótica no Brasil “*teria sua história e lógica própria*” (1987, p.40). Para Parker, a homossexualidade no Brasil “*deve ser considerada menos como um fenômeno unitário do que fundamentalmente diversa*” (1999, p.27) Dessa maneira, se deveria entender que as práticas homoeróticas entre homens no litoral nordestino teriam especificidades que as afastariam daquelas praticadas em Ipanema; o estilo de vida gay proporcionado pelos Jardins, em São Paulo, seria distinto dos oferecidos pelas cidades ribeirinhas da Amazônia; o turista gay global de Florianópolis não vivenciaria a sexualidade construída tendo como referências deuses afro-brasileiros do Recôncavo Baiano. Porém o estilo de vida homossexual paulista e carioca seria reproduzido nacionalmente em uma assemblagem de referências estéticas, culturais e estereotipadas (o corpo do carioca, o vestir do paulista, gírias locais, modelos de negócios e entretenimento, etc.), tendo impacto sobre as subculturas homossexuais tradicionais de outras regiões brasileiras.

Somado a isso, Rio e São Paulo teriam suas subculturas homossexuais formadas dialogicamente em relação a específicas cidades européias e norte-americanas construídas socialmente como extensões imaginárias, devidos a similaridades entre suas vidas culturais e notívagas: Miami para o Rio de Janeiro, Londres e Nova York para São Paulo<sup>12</sup>. Recentemente, Tel Aviv (patrocinada pelo governo israelense) exportou suas festas e sua imagem de cidade

<sup>12</sup> Em diversas revistas e sites gays, as ligações entre as cidades citadas são recorrentes. O Rio de Janeiro importa marcas de festas gays de Miami (como a White Party) e exporta as cariocas para o Brasil (especialmente Brasília, Salvador e Florianópolis). São Paulo, além de ter em Londres e Nova York suas referências de vida noturna, exporta seus modelos de negócio (como as boates The Week e Blue Space), para diversas cidades do Brasil (Brasília, Florianópolis) e mesmo do mundo (como Buenos Aires e Barcelona).

liberal para Brasília e Rio de Janeiro<sup>13</sup> \_enquanto a própria capital fluminense tornou-se item de exportação destinado aos roteiros globais do turismo gay\_ iniciando novos diálogos. Esses intercâmbios com subculturas gays exógenas foram apontados por Parker, para quem existem diversas interfaces entre cidades globais e migrações dentro e fora do Brasil na formação de subculturas gays urbanas brasileiras (PARKER, 1999. P 180-221).

Entretanto, desde o início dos anos 2000, tem-se percebido uma interiorização de manifestações de possíveis sociabilidades homossexuais para além das grandes metrópoles nacionais, como as diversas paradas gays realizadas em pequenas e médias cidades Brasil afora comprovam (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LESBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS, 2013). Além disso, os dados do Censo 2010 \_o primeiro a levantar população de indivíduos e de casais homossexuais na história brasileira\_ forneceram algumas surpresas: as cidades com maior número proporcional de pares do mesmo sexo não foram as grandes metrópoles nacionais e sim pequenas cidades do interior do Brasil, como Tiradentes, Rodeiro e Pequeri (em Minas Gerais); Águas de São Pedro e São João de Itacema (São Paulo), todas estas com populações abaixo de seis mil habitantes. Entre as dez cidades com maior população declarada de homossexuais, quatro eram cidades com população entre 500 mil a 100 mil pessoas: Florianópolis (SC), Maricá (RJ), Marituba (PA) e Parnamirim (RN). Maricá (pouco mais de 100 mil habitantes) seria a cidade brasileira com maior população homossexual: 12% se declararam pertencer à identidade. Entre as capitais, Florianópolis (com 420 mil habitantes), emergente polo de destino do turismo gay mundial, apresentou maior população, de 11%. Ainda segundo o Censo, as cinco capitais com maior população homossexual, em ordem decrescente, seriam: Florianópolis, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza. Em relação à quantidade de casais do mesmo sexo, o Censo levantaria 60 mil em todo o país, sendo as cidades que mais concentrariam numericamente seriam em ordem decrescente: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza e Porto Alegre.

Os dados permitem diversos questionamentos: Por que cidades tão pequenas como Tiradentes, Rodeiro e Pequeri (em um suposto interior mineiro reacionário e tradicional) apresentaram maior proporção de pares do mesmo sexo do que cidades tidas como liberais como Brasília e Rio de Janeiro? Porque cidades como Maricá, Parnamirim e Marituba (que compartilham a característica de estarem nas áreas metropolitanas do Rio, Natal e Belém, respectivamente) permitiriam maior enunciação, por parte dos homossexuais locais, de sua orientação sexual? Além disso, o que fatos como a eleição de políticos abertamente homossexuais em cidades como Cajazeiras e Pilar (PB), Caruaru (PE), Pedra Preta (MS), Bauru e Piracicaba (SP), Cruz Alta (RS), Colônia do Gurguéia (PI), Alfenas (MG) e Florianópolis (SC) podem sugerir? Os casos apontados pelo Censo e a eleição de políticos homossexuais permitiriam questionar a metronormatividade dentro do Brasil: seria possível usufruir de uma sociabilidade homossexual produtiva e gratificante fora das metrópoles absolutas de Rio e São Paulo.

Entretanto, uma observação deve ser feita: com o advento da Internet, das salas de bate-papo *online*, das redes sociais e dos aplicativos de geolocalização gays (como “Grindr”, “Scruff”, “Hornet”, “Gaydar”, “Moovz”, etc.), a sociabilidade homossexual em pequenas cidades (e mesmo no meio rural) seria reconfigurada, desestabilizando polaridades como centro e periferia, urbano e rural. Conforme Richard Miskolski (2014):

[...] as mídias digitais tiveram impacto profundo nas cidades médias, pequenas e na zona rural, pois passaram a prover uma possibilidade inédita de socialização homoerótica para pessoas em contextos sem circuitos comerciais segmentados para um público homossexual<sup>14</sup>

<sup>13</sup> O governo israelense fez maciça campanha publicitária em boates gays do Brasil para vender Tel Aviv como cidade liberal e aberta ao turismo gay, o que levou o embaixador israelense no Brasil a receber o prêmio da ONG brasileira Estruturação em 2012 por seu apoio aos direitos LGBT. A marca de festa israelense “Arisa” foi realizada em Brasília, São Paulo e Rio, com DJs e bailarinos israelenses.

<sup>14</sup> Ver nota 7 em MISKOLSKI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. In. Revista Bagoas. 11 (2014); 52-78



Ainda que “(e)m uma cidade pequena ou em uma zona rural, dificilmente o Grindr terá relevância”, pois depende “do movimento que só a metrópole é capaz de produzir” (MARTINS FILHO, 2014), a possibilidade de encontrar parcerias sexuais e/ou afetivas por meio destes aplicativos desterritorializa-se, permitindo novas formas de ocupações espaciais, enevoando as fronteiras do que é rural e do que é citadino, da metrópole e da pequena cidade, reformulando sentidos de urbanidades e convergindo para Manuel Delgado (1999), para quem o urbano tem lugar em contextos que transcendem os limites da cidade enquanto território, configurando um modo de vida, mais do que uma espacialidade física (DELGADO, 1999; 11).

## **A metronormatividade: valorização do urbano e vetores de exclusão**

Todas essas informações acima citadas permitem uma avaliação crítica da metronormatividade do Brasil e da suposta qualidade de vida que cidades como Rio e São Paulo proporcionariam aos homossexuais. Para Scott Hering (2010, P. 1-29), a metronormatividade seria baseada em seis “eixos”, ou pressupostos, não necessariamente verdadeiros: primeiro, o “narrativo” que supõe ser a cidade um caminho de mão única para a liberdade sexual; segundo, o “racial”: a suposição de que cidades seriam menos racistas, mais diversas e tolerantes do que ambientes rurais; terceiro, o “socioeconômico”, que seria não só os imperativos econômicos, mas também o acesso aos símbolos de status que seriam conformados à construção de uma identidade homossexual urbana (e que só estariam disponíveis na grande cidade); quarto, o “temporal”: o pressuposto de que apenas o homossexual urbanizado seria dinâmico e à frente do tempo em contraposição ao rural estagnado e/ou atrasado; quinto, o “epistemológico”: a suposição de que apenas a grande cidade forneceria status intelectual privilegiado ao homossexual urbanizado e o sexto, o “estético” que seria uma síntese dos eixos socioeconômico, temporal e epistemológico, formando uma “estilística” da homossexualidade urbana na qual uma complexa teia de tendências estéticas, nichos socioeconômicos, preconceitos horizontais e espacialidades funcionariam mais como vetores de opressão, exclusão e normatização sobre homossexuais rurais do que de liberdade e assimilação metropolitana.

Faço aqui uma ponte entre os campos sexuais inter-raciais propostos por Ferrer & Dale e a crítica metronormativa de Hering: os sentimentos de marginalização, dessexualização e de desorientação citados pelos primeiros seriam conformados pelos migrantes ao depararem-se com os vetores excludentes sugeridos pelo segundo. Conforme observação já citada de Perlongher, corpos migrantes são hierarquizados nas estruturas de desejo da prostituição viril paulistana, indicando as possibilidades de posicionamentos dentro dos campos sexuais de acordo com corpos valorizados em São Paulo. Os campos sexuais são conformados também por meio de compartilhamentos de ideais narrativos, raciais, socioeconômicos, temporais, estéticos e epistemológicos que edificam estruturas de desejos, capitais sexuais e habitus eróticos, tanto em relação à dicotomia rural/urbano quanto aos espaços transnacionais nas capitais globalizadas e também às capitais brasileiras com grande e diversificado contingente migratório, como Brasília e Goiânia<sup>15</sup>. Frente às estruturas de desejo diferentes daquelas de seus países e cidades de origem, aos migrantes cabe formular estratégias para sobreviver nas zonas de contatos etnosexuais das grandes metrópoles (tantos globais quanto brasileiras) e a construir novos imaginários sexuais distintos e/ou complementares aos dos nativos. Conforme Milton Santos, os migrantes “precisam criar uma terceira via do entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para trás e nova residência obriga a novas experiências”

<sup>15</sup> As duas capitais foram as que mais atraíram migrantes em 2013, segundo IBGE. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/28/brasil-ia-e-goiania-sao-as-metropoles-do-pais-que-mais-atraem-migrantes-diz-ibge.htm>>



(SANTOS, 2012, p.328). A formulação de um novo entendimento da cidade abarcaria seus campos sexuais e o entendimento de seus vetores de exclusão, conformando um terceiro espaço para as sexualidades dos migrantes.

Estes vetores de exclusão e opressão (física, estética, epistemológica e subjetiva) seriam ainda mais visíveis na desigual sociedade brasileira: homossexuais negros, mestiços, efeminados, periféricos e pobres estariam mais sujeitos aos preconceitos classistas e desamparados frente à violência homofóbica (institucional ou individual), além de serem percebidos como tendo pouco capital sexual, sendo posicionados nos patamares inferiores dos campos sexuais urbanos brasileiros. As diversas formas e corpos do desejo homoerótico brasileiro (como os apontados por Perlongher) seriam sujeitos, em nossas metrópoles, aos estereótipos importados dos grandes centros globais gays e mais valorizados no Rio e em São Paulo, sendo escalonados em hierarquias de desejo nacionalmente construídas a partir destas duas cidades.

Divisões físicas e subjetivas de classe e raça funcionam assim como barreiras à assimilação dos migrantes: a incorporação destes por nossas metrópoles não se daria sem conflitos e atropelos sobre a autoestima dos homossexuais migrados, especialmente naqueles que não se encaixariam na *estilística* urbana gay apontada por Hering. A homofobia horizontal entre a própria comunidade gay\_ produto de complexas teias de preconceitos de raça, classe e gênero\_ seria mais verificável nas grandes cidades do que no campo: os homossexuais urbanitas seriam menos solidários e levantariam mais muros entre si, especialmente entre aqueles de classes distintas. O denominador comum entre homossexuais ricos e pobres, brancos e negros, viris e afeminados, que seria a opressão heteronormativa, estaria subjugada às distinções de classe e privilégios sociais na metrópole. Desta forma, a construção de ambientes mais tolerantes e possivelmente mais solidários em cidades pequenas poderia funcionar como alternativa às metrópoles excludentes.

A crítica metronormativa seguiria visíveis indícios, tanto na Europa quanto na América do Norte, de que pequenos centros urbanos estariam tornando-se não só mais tolerantes como apresentando emergentes subculturas gays, chegando mesmo a atrair homossexuais outrora metropolitanos. Por exemplo: na França, a geógrafa Marianne Blidon (2008) afirma que casais homossexuais em pequenas cidades francesas teriam percepção de tolerância nos espaços públicos urbanos similares às observadas em Paris enquanto Scott Hering (2010) coleta exemplos de cidades no interior norte-americano com forte vida gay, convergindo para a revista *The Advocate* (que afirmou em 2013 que cidades pequenas, com população abaixo de 500 mil habitantes, como Spokane, Tacoma e Springfield seriam tão liberais quanto San Francisco<sup>16</sup>). No Brasil, se poderia questionar a emergência de Tiradentes como pólo gastronômico, histórico e cultural em relação com o primeiro lugar entre as cidades com maior quantidade de casais do mesmo sexo proporcionalmente. Haveria, neste caso específico uma inversão da migração homossexual similar as que estariam ocorrendo nos Estados Unidos?

A ausência de dados além dos fornecidos pelo Censo 2010 não permitiria ainda análises mais profundas da possível inversão da migração homossexual de grandes metrópoles para cidades interioranas brasileiras. Além disso, seria interessante investigar a relação entre população baixa e maior quantidade de casamentos proporcionais. Entretanto, alguns dados nacionais indicam que nossas metrópoles não seriam necessariamente mais tolerantes com a diversidade sexual do que os rincões: Por exemplo, Brasília (segundo pesquisa organizada em 2008 pelo "Projeto Sexualidade" do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo) concentraria a segunda maior população homo e bissexual masculina do país

<sup>16</sup> Diversos sites gays norte-americanos e canadenses têm listas acerca das cidades mais tolerantes da América do Norte. Cito a da revista *The Advocate*. Ver BREEN, Matthew. *Gayest cities in America 2013*. Janeiro, 2013. *The Advocate*. Disponível em <<http://www.advocate.com/print-issue/current-issue/2013/01/09/gayest-cities-america-2013?page=0,0>> Acessado em março de 2013.



(10,8%), só perdendo para o Rio de Janeiro<sup>17</sup>, e, ainda assim, a capital é a cidade com maior número de ocorrências homofóbicas (segundo denúncias registradas pelo Disque 100 da Secretaria Nacional de Direitos Humanos). Porém, o alto grau de escolaridade (e mesmo de renda) observado em Brasília poderia sugerir que as denúncias não necessariamente estão relacionadas com maiores índices de intolerância sexual, mas sim com maior informação sobre direitos e acessos aos órgãos estatais de combate à homofobia.

## Conclusão

Ainda que não seja possível medir com precisão de que formas a orientação sexual estaria implicada nas correntes migratórias no Brasil, um fato torna-se observável: o *deslocamento físico* e *subjetivo* seria o cimento que agregaria diversos fatores que agem na construção identitária homossexual. Desde a metáfora espacial de “*sair do armário*” (ao revelar-se a homossexualidade), passando por uma provável expulsão do lar pela família<sup>18</sup>, até a migração para outra cidade, o deslocamento se faz presente nas narrativas de vida dos homossexuais. Para Anne-Marie Fortier (2003), há relação entre “*sair do armário*” e “*diáspora*”, já que ambos os termos sugerem uma partida de retorno improvável para o local de origem: sair do armário seria a perda de uma suposta origem ubíqua (a heterossexualidade) enquanto a diáspora seria a perda da terra de nascença. Para Henning Bech (1997, p. 148-151), este deslocamento estaria presente inclusive no fetiche dos destinos gays escapistas como Mykonos, Ibiza e Florianópolis: o homossexual contemporâneo deve estar sempre viajando em busca de autorrealização, novas terras, corpos e prazeres, procurando utopias fora dos controles heteronormativos. Atualmente, com a emergência do circuito turístico global gay (com suas festas e cruzeiros), com a ascensão dos condomínios para homossexuais no México, Estados Unidos e Espanha, o deslocamento reforça-se sob novas formas (físicas e temporais). Dessa maneira, o homossexual já seria um migrante nato sendo o deslocamento impositivo em sua trajetória de vida.

Estes deslocamentos reterritorializam e desterritorializam em variadas escalas: dos afetos aos desejos, passando pelos corpos, identidades, sexualidades até os espaços urbanos e transnacionais, que são conformados em múltiplas combinações de resultados diversos com limites imprecisos entre estas escalas. Corpos em transição, corpos expulsos, corpos que habitam espaços liminares, sejam dos estereótipos de gênero, sejam dos geopolíticos. Estes corpos migram em busca de uma conexão possível entre espaço, história e sociabilidade, onde possam estabilizar suas identidades e sentidos de pertencimento, seja a um grupo dissidente sexual ou a uma cidade globalizada. Nestas possibilidades de conexões, campos sexuais surgem, cada um com variadas estruturas de desejo, com corpos apreciados e descartados por suas idiosincrasias eróticas, conformando desejos individuais e coletivos. Ainda que habitando os espaços liminares do corpo, dos campos sexuais e dos Estados-nações, a busca pela estabilidade subjetiva do migrante seria, ainda assim, criativa: conforme Milton Santos, “*quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta*” (SANTOS, 2002, p.330). A migração sexual torna-se assim uma possibilidade criativa, ao mesmo tempo em que uma necessidade imperiosa, capaz de hibridizar corpos e identidades, criando terceiros espaços possíveis de existência e de sexualidades.

<sup>17</sup> Diversos sites brasileiros divulgaram a pesquisa. Cito a disponível em: <<http://web.archive.org/web/20110706153632/http://www.mundomais.com.br/exibemateria2.php?idmateria=334>>. Acessado em 19 de janeiro de 2013.

<sup>18</sup> Em pesquisa do Instituto Data Popular de 2013, 37% dos brasileiros não aceitariam ter um filho homossexual. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/05/31/37-dos-brasileiros-nao-aceitariam-ter-filho-homossexual.htm> Acessado em março de 2013.



A migração por motivos de orientação sexual ainda está passível de maiores mensurações no Brasil e de pesquisas empíricas, porém os dados pioneiros fornecidos pelo Censo 2010 poderiam indicar possíveis questionamentos da metronormatividade no país: o pressuposto que apenas as metrópoles de Rio e São Paulo deteriam subculturas gays e liberdade sexual, tornando-se impositivas frente às trajetórias de vidas dos homossexuais brasileiros. Essa prevalência das duas metrópoles teria conseqüências homogeneizantes sobre as diversas subculturas homossexuais tradicionalmente observadas em outras regiões do Brasil, diversidade observada por Richard Parker e Nestor Perlongher. Além disso, Rio e São Paulo também produziram seus migrantes para outras cidades globais, dialogando com estas e conformando suas subculturas homossexuais em relação ao estrangeiro e também ao nativo, indicando que sobre a construção das subculturas urbanas brasileiras incidiriam diversos fragmentos. Ainda, cidades interioranas no Brasil com alto índice de casamentos entre pessoas do mesmo sexo e de população homossexual em conjunto com uma crescente interiorização das paradas gays, sugeriria sociabilidades visíveis em centros urbanos além das grandes cidades nacionais. Concluindo, a migração, desde um nível subjetivo e pessoal até o deslocamento para outra cidade ou país, seria elementar na construção das subjetividades daqueles que desejam e amam corpos do mesmo sexo: o homossexual seria um migrante nato.

## Referências

- ABRAHAM, Julie. *Metropolitan lovers: the homosexuality of cities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
- ALDRICH, Robert. *Gay life and culture: A world history*. Londres: Thames & Hudson, 2005.
- ARANGO, Joaquín. “Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración.” *Revista Internacional de Ciencias Sociales* 165.2000 (2000): 33-47.
- BINNIE, Jon. *The Globalization of sexuality*. Londres: Sage, 2004.
- BECH, Henning. *When men meet: homosexuality and modernity*. Cambridge: Polity Press, 1997.
- BLIDON, Marianne. La casuistique du baiser. *L'espace public, un espace hétéronormatif*. Echogeo, n. 5, 2008. Disponível em <http://echogeo.revues.org/5383>; DOI: 10.4000/echogeo.5383. Acessado em março de 2013.
- BREEN, Matthew. *Gayest cities in America 2013*. Janeiro, 2013. *The Advocate*. Disponível em <http://www.advocate.com/print-issue/current-issue/2013/01/09/gayest-cities-america-2013?page=0,0> Acessado em março de 2013.
- DELGADO, Manuel. *El Animal público: Hacia una antropología de los espacios urbanos*. Barcelona: Anagrama, 1999.
- D'EMILIO, Jonh. *Capitalism and gay identity*. In. ABELOVE, Guy (Ed.). *The Lesbian and Gay studies reader*. Nova York: Routledge, 1993. P. 467-476.
- FARRER, James; DALE, Sonja. *Sexless in Shanghai: gendered mobility strategies in a transnational sexual field*. In. GREEN, Adam Isaiah (Ed.). *Sexual Fields: Towards a sociology of collective sexual life*. Chicago: Chicago University Press, 2014, p.143-170.



---

FORTIER, Anne-Marie. Making home: queer migrations and motions of attachment. 2003. Disponível em <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/fortier-making-home.pdf>> Acessado em junho de 2013.

GORDON, Mel. Voluptuous panic: the erotic world of Weimar Berlin. Los Angeles: Feral House, 2006

GREEN, Adam Isaiah (Ed.). Sexual Fields: Towards a sociology of collective sexual life. Chicago: Chicago University Press, 2014.

\_\_\_\_\_. *The Sexual Field framework*. In: GREEN, Adam Isaiah (Ed.). *Sexual Fields: Towards a sociology of collective sexual life*. Chicago: Chicago University Press, 2014, p.25-56

GREEN, James N.: *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, Ed. UNESP, 1999

HALBERSTAM, Judith. *In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives*. Nova York: New York University Press, 2005

HERING, Scott. *Another Country: queer anti-urbanism*. Nova York: New York University Press, 2010

KENNEY, Moira Rachel. *Remember, Stonewall was a riot*. In: SANDERCOCK, Leonie (Ed.). *Making the invisible visible: a multicultural planning history*. Berkeley: University of California Press. P.120-132

MACKAY, Al. Cape Town: a global gay capital? Janeiro de 2012. Mambaonline.com. Disponível <<http://www.mambaonline.com/article.asp?artid=6534>> Acessado em abril de 2014.

MANALANSAN IV, Martin F. *A queer itinerary: deviant excursion into modernities*. In LEWIN, Ellen; LEAP, William L. (Ed.) *Out in theory: The emergence of lesbian and gay anthropology*. Chicago: University of Illinois Press, 2002. P. 246-263.

MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, Yolanda. «Sexilios»: hacia una nueva poética de la erótica caribeña. In. *América Latina Hoy*, v. 58, p. 15-30, 2011.

MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra. *Novas formas de sociabilidade nas metrópoles contemporâneas: uma investigação acerca do uso do Grindr*. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, v. 2, n. 2, p. 184-199, 2014.

MISKOLSKI, Richard. *Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais*. In. *Revista Bagoas*. 11 (2014); 52-78.

MORTIMER-SANDILANDS, Catriona; ERICKSON, Bruce. *Queer ecologies: sex, nature, politics, desire*. Bloomington: Indiana University Press. 2010

PARKER, Richard. *Beneath the Equator: Cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil*. Nova York: Routledge, 1999

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo, 1987.



---

RANDAZZO, Timothy J.. *Social and legal barriers: sexual orientation and asylum in the United States*. In. LUIBHÉID, Eithne; CANTÚ JR, Lionel. *Queer Migrations: Sexuality, U.S citizenship, and border crossings*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005, p.30-61.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: As minorias na Idade Média*. Tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993

SANDERCOCK, Leonie (Ed.). *Making the invisible visible*. Berkeley: University of California Press, 1998.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2012.

SHEPHARD, Nicole. *Queer migrations and straight subjects*. In. *Graduate Journal of Social Science*, v. 9, n. 3, 2012.

SIDES, Josh. *Erotic city: sexual revolutions and the making of modern San Francisco*. Nova York, Oxford University Press, 2009

SIMÕES, Júlio Assis, FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

WITMAN, Carl. *The Gay Manifesto, 1969*. Disponível em <[http://www.againstequality.org/files/refugees\\_from\\_amerika\\_a\\_gay\\_manifesto\\_1969.pdf](http://www.againstequality.org/files/refugees_from_amerika_a_gay_manifesto_1969.pdf)> Acessado em dezembro de 2012.

---

Recebido: 04 maio, 2015  
Aceito: 28 maio, 2015